

GTA | Guião de Trabalho Autónomo n.º 58

PORTUGUÊS 11.º ANO

Tema 11: *Os Maias* de Eça de Queirós
Subtema 2: *Os Maias* ou *Episódios da vida romântica*



PORQUÊ APRENDER SOBRE...?



O QUE VOU APRENDER?



COMO VOU APRENDER?



O QUE APRENDI?



COMO POSSO COMPLEMENTAR A
APRENDIZAGEM?



PORQUÊ APRENDER SOBRE...?

No Capítulo XV *d'Os Maias*, Eça de Queirós surpreende-nos com um tema que continua, mais de um século depois, a fazer sentido: o poder dos jornais e o papel da imprensa numa sociedade.

Neste guião, vais explorar uma visão crítica sobre o tema, através da obra e de outros documentos da época, e descobrir que as questões que Eça colocava no século XIX são perturbadoramente atuais.



O QUE VOU APRENDER?

NO DOMÍNIO DA ORALIDADE:

- Interpretar textos orais dos géneros exposição sobre um tema (...), evidenciando perspetiva crítica e criativa.
- Fazer exposições orais para apresentação de temas, de opiniões (...).
- Preparar adequadamente as apresentações orais através de uma planificação cuidada.
- Avaliar, individualmente e/ou em grupo, os discursos orais.

NO DOMÍNIO DA LEITURA:

- Realizar leitura crítica e autónoma.
- Clarificar tema(s), subtemas, ideias principais, pontos de vista.
- Analisar os recursos utilizados para a construção do sentido do texto.
- Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa.
- Expressar, com fundamentação, pontos de vista suscitados por leituras diversas.

NO DOMÍNIO DA EDUCAÇÃO LITERÁRIA:

- Interpretar obras literárias portuguesas de diferentes autores e géneros, produzidas entre os séculos XVII e XIX.
- Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos.
- Comparar textos de diferentes épocas em função dos temas, ideias, valores e marcos históricos e culturais.
- Analisar o valor de recursos expressivos para a construção do sentido do texto.
- Debater, de forma fundamentada e sustentada, oralmente ou por escrito, pontos de vista fundamentados, suscitados pela leitura de textos e autores diferentes.
- Mobilizar para a interpretação textual os conhecimentos adquiridos sobre os elementos constitutivos do texto narrativo.



O QUE VOU APRENDER?

NO DOMÍNIO DA ESCRITA:

- Escrever textos de opinião, apreciações críticas e exposições sobre um tema.
- Planificar os textos a escrever, após pesquisa e seleção de informação relevante.
- Redigir com desenvoltura, consistência, adequação e correção os textos planificados.
- Utilizar os mecanismos de revisão, de avaliação e de correção para aperfeiçoar o texto escrito antes da apresentação da versão final.



COMO VOU APRENDER?

GTA 52: Que segredos se escondem no passado dos Maias?

GTA 53: O que revelam os contrastes n'Os Maias?

GTA 54: Personagens no espaço: como se constrói a crítica social?

GTA 55: Que retrato(s) do amor burguês nos dá o narrador?

GTA 56: Crónica de costumes e intriga amorosa: como se articulam?

GTA 57: Como convive o idílio amoroso com os sinais de tragédia?

GTA 58: Qual o papel dos jornais na Lisboa d'Os Maias?

GTA 59: Como se revela e concretiza a tragédia dos Maias?

GTA 60: Por onde andam e de que falam Carlos e Ega neste desfecho?

Tema 11: Os *Maias* de Eça de QueirósSubtema 2: Os *Maias* ou *Episódios da vida romântica*GTA 58: Qual o papel dos jornais na Lisboa d'Os *Maias*?**Objetivos:**

- Consolidar a compreensão da leitura do Capítulo XV d'Os *Maias*.
- Inferir, a partir da leitura, funções dos jornais na sociedade retratada por Eça, enquanto instrumentos de poder, manipulação e controlo social.
- Reconhecer a dimensão crítica e satírica da escrita de Eça de Queirós, expressa tanto na ficção como nos seus textos não ficcionais.
- Estabelecer relações entre documentos de épocas diferentes sobre o mesmo tema, desenvolvendo competências de leitura comparada.
- Refletir criticamente sobre o papel da imprensa e do jornalismo, estabelecendo pontes entre o século XIX e o presente.
- Redigir um texto de opinião, a partir das leituras realizadas e com base numa reflexão crítica sobre os valores fundamentais do jornalismo.

Modalidade de trabalho: pequenos grupos e individual.

Recursos e materiais: caderno e *internet*.



É importante que já tenhas realizado a leitura do capítulo XV d'Os *Maias*. A partir do [GTA 51](#), iniciámos um desafio de missões para a leitura de capítulos da obra com o jogo «O extraordinário caso dos *Maias*». Se ainda não estás a acompanhar, dedica algum do teu tempo pessoal para ler os capítulos indicados e realizar as tarefas da missão 7 do jogo. Além disso, podes ir construindo um dossiê de investigação para organizar ideias e valorizar a tua avaliação.



[Eça de Queirós Os *Maias*.](#)
Edição digital: Disponível em
Biblioteca Digital da EBSQF.



[Jogo «O extraordinário caso
dos *Maias* – Missão 7».](#)
Estudo Autónomo.



[Infografia «Dossiê de
investigação».](#) Estudo
Autónomo.



ETAPA 1 – Capítulo XV | Verificação de leitura



Os excertos 1 a 6 que se seguem foram transcritos do Capítulo XV de *Os Maias*. Em grupo, **contextualizem** oralmente os excertos, indicando, por exemplo:

- as personagens mais diretamente envolvidas;
- locais onde a situação se passa;
- momentos da ação em que se enquadram;
- ou outro aspeto relevante para a contextualização.



Podem distribuir os excertos pelos grupos ou pelos elementos dentro de cada grupo.

Validem ou **corrijam** em grupo a contextualização feita.

1 *A casa descaiu rapidamente numa boémia mal dourada e ruidosa. Quando ela madrugava, com os seus hábitos saudáveis do convento, encontrava paletós de homens por cima dos sofás: no mármore das consoles restavam pontas de charuto, entre nódoas de champanhe; e nalgum quarto mais retirado ainda tinha o dinheiro de um bacará talhado à claridade do sol.*

p. 421

2 — *Queres que te diga o que me parece, com franqueza? Que diabo, nós somos dois homens falando como homens!... Então aqui está: teu avô tem quase oitenta anos, tu tens vinte e sete ou o quer que seja... É doloroso dizê-lo, ninguém o diz com mais dor que eu, mas teu avô há de morrer... Pois bem, espera até lá.*

p. 429

3 *Estas reuniões alegres foram ao princípio, como dizia o Ega, dominicais: mas o Outono arrefecia, bem depressa se despiriam as árvores da Toca, e Carlos acumulou-as duas vezes por semana, (...). A mesa resplandecia; (...). Os vinhos saíam da frasqueira preciosa do Ramalhete.*

p. 437

4 *Ele já conhecia o papelucho, já privara mesmo com o proprietário e redator — o Palma, chamado Palma Cavalão para se distinguir de outro benemérito chamado Palma Cavalinho. Compreendeu logo que, se a prosa era do Palma, a inspiração era alheia.*

p. 446

5 *Imediatamente Ega retomou a leitura: «Agora que voltei a mim, reconheço, como sempre reconheci e proclamei, que é Vossa Excelência um carácter absolutamente nobre; (...). Mais declaro que se por acaso tornasse a suceder soltar eu alguma palavra ofensiva para Vossa Excelência, não lhe devia dar Vossa Excelência ou aqueles que a escutassem mais importância do que a que se dá a uma involuntária baforada de álcool (...).»*

p. 463

6 *Mas dias depois não se falava mais nesse escândalo. (...) E o derradeiro, esvaído eco da carta do Dâmaso foi, na véspera do sarau da Trindade, um parágrafo da própria Tarde onde ela fora publicada, nestas amáveis palavras: «O nosso amigo e distinto sportman, Dâmaso Salcede, parte brevemente para uma viagem de recreio a Itália. (...)».*

p. 482



ETAPA 2 – Capítulos XV | Exploração de excertos – os jornais da época



Centra-te, agora, no papel dos jornais (as redes sociais da altura) na sociedade lisboeta de finais do século XIX, que Eça nos revela neste capítulo.

Relê os excertos e recorda os episódios relacionados com jornais, relatados no Capítulo XV. **Consulta** um dicionário, quando necessário.

EXCERTO A

Chamava-se a Corneta do Diabo: e na impressão, no papel, na abundância dos itálicos, no tipo gasto, todo ele revelava imundície e malandrice. (...) E leu isto: «Ora viva, sô Maia! Então já se não vai ao consultório, nem se veem os doentes do bairro, sô janota?» (...)

Sentou-se por fim no banco de cortiça; descintou a Corneta sobrescritada para Maria, releu lentamente a prosa imunda: e, nesse número que lhe fora destinado a ela, todo aquele calão lhe pareceu mais ultrajante, intolerável, punível só com sangue. Era monstruoso, na verdade, que sobre uma mulher, quieta, inofensiva no silêncio da sua casa, alguém ousasse tão brutalmente arremessar esse lodo às mãos-cheias! E a sua indignação alargava-se, do foliculário que babara aquilo — até à sociedade que, na sua decomposição, produzira o foliculário. Decerto toda a cidade sofria a sua vérmina... Mas só Lisboa, só a horrível Lisboa, com o seu apodrecimento moral, o seu rebaixamento social, a perda inteira de bom senso, o desvio profundo do bom gosto, a sua pulhice e o seu calão, podia produzir uma «Corneta do Diabo». (...)

Seguindo devagar pelo Aterro, Ega contou a história da imundície. Fora na véspera à tarde que recebera no Ramalhete a «Corneta». Ele já conhecia o papelucho, já privara mesmo com o proprietário e redator — o Palma Cavalão. Compreendeu logo que, se a prosa era do Palma, a inspiração era alheia. (...) O artigo, pois, fora-lhe simplesmente encomendado e pago. No terreno do dinheiro vence sempre quem tem mais dinheiro. Por este sólido princípio correrá a procurar o Palma Cavalão no seu antro. (...)

Fora pois ao antro. (...) De sorte que apenas ele propôs comprar a tiragem do jornal — o jornalista estendeu logo a mão larga, de unhas roídas, tremendo de reconhecimento e de esperança. Dera-lhe cinco libras que tinha e a promessa de mais dez... (...)

— Vamos ao ponto essencial... Quanto quer o Sr. Palma por me dizer quem lhe encomendou o artigo da «Corneta»? (...) Palma, com a cabeça baixa, desfazia torrões de açúcar dentro do copo de genebra. E suspirou, findou por dizer, um pouco murcho, que era por ser entre cavalheiros, e com amizade, que aceitava os cem mil réis...

Eça de Queirós (1888). *Os Maias*. Edição Livros do Brasil: Lisboa (Capítulo XV).

EXCERTO B

Era a redação da «Tarde». (...) O Neves, deputado, político, diretor da «Tarde» (...) foi encontrá-lo (...) discursando a alguns cavalheiros de província que o escutavam de pé, num respeito de crentes.

Ao ver o Ega (...) Neves cravou nele os olhos tão curiosos, tão inquietos, que o Ega apressou-se a dizer:

— Nada de política, negócio particular... Não te interrompas. Depois falaremos. (...)

(Continua →)



(Continuação)

— É isto, em quatro palavras. O Carlos da Maia foi ofendido aí por um sujeito muito conhecido. (...) O Maia pediu-lhe explicações. O outro deu-as, chatas, medonhas, numa carta que quero que vocês publiquem. (...)

— (...) Perfeitamente, às ordens...

E voltou ao seu grupo (...).

Ega acendeu o charuto, ficou um momento considerando aqueles sujeitos que pasmavam para o verbo do Neves. (...)

[Pouco depois, Ega é chamado para a conversa, por Melchior e falam sobre o silêncio dos jornais no que diz respeito a livros e assuntos mais profundos.]

(...) O Melchior ergueu os ombros com um ar cansado e descrente:

— Calam-se também porque o público não se importa, ninguém se importa...

Ega protestou, já excitado. O público não se importava!? Essa era curiosa! O público então não se importa que lhe falem de livros que ele compra aos três mil, aos seis mil exemplares? E isto, dada a população de Portugal, caramba, é igual aos grandes sucessos de Paris e de Londres... Não, Melchiorzinho amigo, não! Esse silêncio diz ainda mais claramente e retumbantemente que as palavras: «Nós somos incompetentes. Nós estamos bestializados pela notícia do senhor conselheiro que chegou, ou do senhor conselheiro que partiu, pelos High Lifes, pela amabilidade dos donos da casa, pelo artigo de fundo em descompostura e calão, por toda esta prosa chula em que nos atolamos... Nós não sabemos, não podemos já falar de uma obra de arte ou de uma obra de história, deste belo livro de versos ou deste belo livro de viagens. Não temos nem frases nem ideias.»

Eça de Queirós (1888). *Os Maias*. Edição Livros do Brasil: Lisboa (Capítulo XV)

Em pares, **preencham** a tabela seguinte, com base na leitura dos excertos.

Aspetos a analisar	Excerto A <i>Corneta do Diabo</i>	Excerto B <i>A Tarde</i>
1. Tipo de jornal		
2. Ambiente associado ao jornalismo		
3. Tipo de linguagem dominante		
4. Relação com o público e temas privilegiados		
5. Relação com o dinheiro, influência ou poder		
6. Crítica que Eça parece fazer à imprensa		



ETAPA 3 – Comparação com outros documentos da época



Relaciona as conclusões que retiraste dos excertos da ETAPA 2 com ideias presentes em outros documentos da época sobre o jornalismo e a imprensa escrita. Para isso, **segue** os seguintes passos.

1. **Escuta** a leitura do editorial da primeira edição do jornal humorístico «António Maria», em 1879, cujo diretor foi Rafael Bordalo Pinheiro, criador do famoso Zé Povinho e contemporâneo de Eça de Queirós.



[«O António Maria» - editorial da primeira publicação em 1879. In Museu Bordalo Pinheiro.](#)

2. **Lê** um outro texto de Eça sobre o assunto e **repara** no tom crítico e na linguagem de fina ironia do autor que já te começam a ser familiares.

Paris, Outubro.

Meu caro Bento.

A tua ideia de fundar um jornal é daninha e execrável. Lançando, e em formato rico, com telegramas e crónicas, uma outra «dessas folhas impressas que aparecem todas as manhãs», como diz tão assustada e pudicamente o arcebispo de Paris, tu vais concorrer para que no teu tempo e na tua terra se aligeirem mais os juízos ligeiros, se exacerbe mais a vaidade, e se endureça mais a intolerância. Juízos ligeiros, vaidade, intolerância – eis três negros pecados sociais que, moralmente, matam uma sociedade! E tu alegremente te preparas para os atihar. (...)

Não penses que, moralista amargo, exagero, como qualquer S. João Crisóstomo. Considera antes como foi incontestavelmente a Imprensa, que, com a sua maneira superficial, leviana e atabalhoada de tudo afirmar, de tudo julgar, mais enraizou no nosso tempo o funesto hábito dos juízos ligeiros. Em todos os séculos decerto se improvisaram estouvadamente opiniões (...); mas nunca, como no nosso século apressado, essa improvisação impudente se tornou a operação natural do entendimento. Com exceção de alguns filósofos escravizados pelo método, e de alguns devotos roídos pelo escrúpulo, todos nós hoje nos desabituíamos, ou antes nos desembaraçamos alegremente, do penoso trabalho de verificar. É com impressões fluidas que formamos as nossas maciças conclusões. Para julgar em política o facto mais complexo, largamente nos contentamos com um boato, mal escutado a uma esquina, numa manhã de vento. Para apreciar em literatura o livro mais profundo, atulhado de ideias novas, que o amor de extensos anos fortemente encadeou – apenas nos basta folhear aqui e além uma página, através do fumo escurecedor do charuto.

Eça de Queirós (1900). *A Correspondência de Fradique Mendes*. Edição Livros do Brasil: Lisboa (pp. 215 – 216).

3. **Conclui e regista** tópicos essenciais sobre:

- o modo como estes documentos confirmam, alargam ou contradizem a visão crítica dada nos excertos de *Os Maias* sobre o jornalismo;
- os problemas identificados por Eça e por Bordalo Pinheiro te parecem ainda reconhecíveis e nos media de hoje.



ETAPA 4 – Comparação com a atualidade

Lê o artigo de opinião «Opiniões à parte, a que horas há jornalismo?», disponível digitalmente.

Identifica problemas atuais do jornalismo referidos no artigo e **posiciona-te** também em relação a eles, trocando impressões com outros colegas.



[Rita Palma Nascimento, «Opiniões à parte, a que horas há jornalismo?». In Atual.pt.](#)

Como síntese, deixamos-te a seguinte tabela. **Completa-a** com evidências do artigo que leste.

Problema / crítica ao jornalismo	Referências nos textos do século XIX (<i>Os Maias</i> , Bordalo Pinheiro e Fradique Mendes)	Referências no texto atual
1. Sensacionalismo e gosto pelo escândalo	A <i>Corneta do Diabo</i> publica um artigo insultuoso e difamatório sobre Carlos e Maria Eduarda.	
2. Influência do dinheiro e dos interesses	O artigo foi «encomendado e pago»; Palma Cavalão aceita dinheiro para publicar e para revelar o responsável.	
3. Julgamentos rápidos e falta de rigor	No texto da ETAPA 3, critica-se a imprensa por «tudo afirmar, de tudo julgar» sem verificar os factos.	
4. Linguagem agressiva ou superficial	Eça refere o «calão», a «prosa imunda» e a superficialidade dos jornais.	
5. Falta de reflexão cultural e pensamento crítico	Eça acusa os jornais de ignorarem livros, arte e ideias importantes.	

Imagina que foste convidado a escrever um breve editorial de opinião para uma edição especial de um jornal escolar dedicada ao tema da [literacia mediática](#).

Com base na reflexão realizada ao longo deste guião, **escreve** um breve editorial de opinião (100 a 150 palavras) em resposta à questão: *Que responsabilidades deve ter o jornalismo numa sociedade democrática?*

No teu texto, **deves**:

- mobilizar, pelo menos, uma ideia presente nos textos do século XIX que leste ao longo do guião ou referir pelo menos um exemplo do que já era uma problema do jornalismo no século XIX;
- Apresentar soluções para, pelo menos, um problema atual relacionado com os media ou o jornalismo.



PROPOSTA DE RESOLUÇÃO

ETAPA 2 – Capítulos XV | Exploração de excertos – os jornais da época Cenários para o preenchimento da tabela:

	Excerto A <i>Corneta do Diabo</i>	Excerto B <i>A Tarde</i>
1.	Jornal sensacionalista, centrado no escândalo e no mexerico	Jornal político e social, centrado na atualidade e nos meios influentes
2.	Degradação e corrupção («antro», álcool, negociação por dinheiro)	Político e com pretensões intelectuais; culto de influências e aparências
3.	Linguagem vulgar, insultuosa e com calão	Mais formal, mas com retórica política vazia
4.	Explora escândalos pessoais humilhantes para divertir o público	Gestão de influência, temas sociais e políticos, mas sem profundidade cultural
5.	O dinheiro manipula diretamente o conteúdo do jornal	Ligação ao poder político e à influência social e redes de prestígio
6.	Critica-se a degradação moral, o sensacionalismo e a falta de ética	Critica-se a superficialidade de ideias e o desinteresse por cultura, arte e reflexão

ETAPA 4 – Comparação com a atualidade

Cenários para o preenchimento da última coluna da tabela:

	Evidências no texto atual
1.	O texto critica a procura constante de conteúdos rápidos, polémicos e apelativos para captar atenção e audiências.
2.	Refere-se a pressão económica sobre os media e a dependência de audiências, cliques e interesses comerciais.
3.	Critica-se a rapidez da informação e a publicação de opiniões imediatas sem investigação aprofundada.
4.	O texto sugere que muitas vezes predominam conteúdos superficiais, comentários fáceis ou linguagem simplificada.
5.	Refere-se a dificuldade do jornalismo atual reservar espaço para reflexão, análise e temas culturais mais profundos.

Modelo de texto para o breve editorial:

Hoje, quando se fala em liberdade de imprensa, esquecemo-nos muitas vezes de que informar não é o mesmo que explorar escândalos ou alimentar polémicas.

Já nos finais do século XIX, Eça, em *Os Maias*, mostrava esse perigo através do episódio da *Corneta do Diabo*: um jornal disposto a difamar pessoas em troca de dinheiro e de atenção pública. Mais de um século depois, muitos problemas mantêm-se. A rapidez da informação, a pressão das audiências e a circulação de notícias pouco verificadas continuam a favorecer juízos precipitados e campanhas difamatórias.

Por isso, o jornalismo tem uma responsabilidade essencial numa sociedade democrática: informar com rigor, distinguir factos de boatos e contribuir para cidadãos mais conscientes e críticos. Sem esse compromisso, a imprensa deixa de servir o público e reduz-se ao sensacionalismo.



O QUE APRENDI?

Compreendeste o(s) papel(éis) dos jornais na Lisboa d’Os Maias?

És capaz de...

- consolidar a compreensão da leitura do Capítulo XV d’Os Maias?
- inferir, a partir da leitura, funções dos jornais na sociedade retratada por Eça, enquanto instrumentos de poder, manipulação e controlo social?
- reconhecer a dimensão crítica e satírica da escrita de Eça de Queirós, expressa tanto na ficção como nos seus textos não ficcionais?
- estabelecer relações entre documentos de épocas diferentes sobre o mesmo tema, desenvolvendo competências de leitura comparada?
- refletir criticamente sobre o papel da imprensa e do jornalismo, estabelecendo pontes entre o século XIX e o presente?
- redigir um texto de opinião, a partir das leituras realizadas e com base numa reflexão crítica sobre os valores fundamentais do jornalismo?

Tiveste dificuldades?

Sugestões:

Visualiza a videoaula e **toma notas** dos aspetos essenciais.

Lê o «Explicador» sobre literacia dos media e **visualiza** o vídeo com o especialista Vítor Tomé, da Associação Literacia para os Media e Jornalismo.



[«Os Maias. Crónica de costumes: o jornalismo».](#)
[Videoaula n.º 45, 11.º ano de Português. #EEC.](#)



[«Literacia dos Media».](#)
[RTP-Ensina.](#)



COMO POSSO COMPLEMENTAR A APRENDIZAGEM?



Continua o desafio do jogo «O extraordinário caso dos Maias»¹. **Lê** os capítulos XVI e XVII da obra ([edição digital](#)).

Segue as orientações, **interpreta** pistas e **resolve** a missão 8.



[Jogo «O extraordinário caso dos Maias – Missão 8».](#) Estudo Autónomo.

Descobre mais sobre as criações de Rafael Bordalo Pinheiro, autor de jornais e panfletos humorísticos e criador da figura do Zé-povinho.



[Página oficial do Museu Bordalo Pinheiro](#)

¹ Este desafio foi iniciado no final do [GTA 51](#).